

Dívida brasileira está concentrada nas mãos do setor público

por Maria Clara R.M. do Prado de Brasília

A dívida externa brasileira está hoje praticamente toda registrada como obrigação do setor público, aqui englobadas as empresas estatais, os bancos oficiais, os estados e municípios e os compromissos assumidos com o aval da União.

A fatia da dívida que cabia ao governo pulou do nível de 60% que existia há sete anos, quando os empréstimos externos começaram a escassear, para uma participação de cerca de 80% em 1988 e agora já atinge 90% do estoque global da dívida de curto, médio e longo prazos, calculada em US\$ 115 bilhões.

A mudança ocorrida no perfil da dívida externa do País foi apurada em levantamento recente do Banco Central, tendo em vista o novo processo de renegociação externa. Ela vem reforçar a tese do governo de que o Brasil só conseguirá pagar seus compromissos a partir de um substancial abatimento nos débitos assumidos com o exterior.

"A questão que se coloca hoje é como o País terá condições de pagar esta dívida se não temos fonte própria para produção dos dólares e temos restrições fiscais para gerar os cruzeiros necessários à compra dos dólares", conforme procurou responder o embaixador Jório Dauster ontem, ao anunciar a chegada da missão técnica do Fundo Monetário Internacional (FMI) ao Brasil.

A moldura que serviu de orientação para os acordos anteriores com os bancos credores internacionais é, na verdade, a principal responsável pela alteração ocorrida no perfil da dívida externa do País, reduzindo a cada ano que passa a participação do setor privado em sua composição. A explicação é simples, já que o governo brasileiro optou para negociar na mesma data a dívida externa pública e privada. O esquema de depósito das amortizações no Banco Central do Brasil, reeditado no último acordo pelo "Multi-Year Deposit Facility Agreement (MYDFA)", prevê que a dívida é paga sempre em dia, em cruzeiros, pelos devedores finais, embora os recursos fiquem internamente retidos na autoridade monetária pelo prazo em que o pagamento ao exterior foi reescalonado.

O setor privado teve nos

últimos anos liquidez mais do que suficiente para pagar seus compromissos externos em dia — teve até liquidez de sobra que lhe permitiu emprestar recursos para que o setor público pudesse cumprir com suas obrigações externas junto ao BC — e na medida em que pagava sua obrigação junto a autoridade monetária ia gradativamente perdendo importância na composição da dívida. Sabe-se que amortização de depósito no BC transforma-se em dívida assumida pelo BC junto ao credor externo. Passa, portanto, a ser dívida pública.

A dívida é do Banco Central, mas tem a rigor o aval da União, e o governo federal quer deixar claro na negociação com os bancos credores que está limitado pela restrição orçamentária na geração dos cruzeiros necessários ao pagamento externo.

"É uma visão hoje nova e essencial de definir a capacidade de pagamento externo do País dentro do orçamento fiscal" disse Dauster, qualificando a nova postura como "a grande revolução de Copérnico (ele referia-se ao astrônomo italiano Nicolau Copérnico, que em 1510 reafirmou a teoria de que o Sol era o centro do sistema planetário) depois da crise de 1982, cuja visão baseada no aumento dos superávits comerciais criou uma série de distorções", conforme colocou o negociador externo.

O peso da dívida é expressivo e pode ser sentido não só pelo lado da restrição que o governo tem em gerar os cruzeiros necessários ao seu pagamento. Seu impacto na economia brasileira pode ser medida também pelo que representam os atrasados hoje na composição da reserva internacional. Na verdade, as reservas do país pelo conceito de caixa seriam hoje liquidamente negativas se todos os pagamentos tivessem sido efetuados em dia até aqui. Dauster calculou em mais de US\$ 6 bilhões os juros devidos e não honrados junto aos bancos credores privados e em cerca de US\$ 2 bilhões os atrasados com os credores oficiais do Clube de Paris, juntando aqui juros e amortizações. A soma, com certeza, é superior (ou beira muito de perto) o nível das reservas internacionais que o embaixador estimou em torno de US\$ 7,5 bilhões no momento.